



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSOR ORIENTADOR - Severino Francisco
ÁREA: Comunicação e Cultura Popular

Literatura de Cordel: uma forma de jornalismo popular

Rosiene Assunção
RA 20486765

Brasília, Junho de 2007

Rosiene Assunção

Literatura de Cordel: uma forma de jornalismo popular

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em comunicação social com habilitação em jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília

Prof . Severino Francisco

Brasília, Junho de 2007

Rosiene Assunção

Literatura de Cordel: uma forma de jornalismo popular

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília

Banca Examinadora

Prof. Severino Francisco
Orientador

Prof. Ellis Regina Araújo
Examinadora

Prof. Marcone Gonçalves
Examinador

Brasília, Junho de 2007

RESUMO

Este trabalho busca analisar a Literatura de Cordel como uma forma de jornalismo. A comunicação que os folhetos noticiosos leva ao público muitas vezes tem um teor semelhante ao da notícia dos grandes meios de comunicação, como o jornal impresso. Para muitas pessoas, esta foi a única forma de comunicação que lhes chegaram durante muito tempo, e mesmo com o advento dos novos meios de comunicação, o cordel não deixou de ser um meio de informação, passando a assumir funções de interpretação, comentário e crítica.

Sumário

1 Introdução	6
2 Cultura Popular.....	8
3 A notícia na Literatura de Cordel	13
4 A contemporaneidade da Literatura de Cordel.....	21
5 Conclusão	33
Referências	35

1 Introdução

Os folhetos noticiosos da literatura de cordel têm características semelhantes às notícias divulgadas pela imprensa. Durante muito tempo, os cordéis cumpriram o papel de informar o sertanejo que não tinha acesso às outras fontes de informação. Os folhetos noticiosos, ou de acontecido, como são chamados pelos leitores e ouvintes, eram a fonte de informação primária para muitos. Neste trabalho, serão analisados os elementos do folheto noticioso que podem ser identificados como jornalismo.

O cordel é considerado uma forma de comunicação por muitos teóricos e estudiosos do assunto. Serão analisados os traços de semelhança como os critérios de escolha dos temas que serão tratados, o lead, a linguagem utilizada pelos poetas, as críticas e explicações acerca dos temas tratados, tudo no contexto da cultura popular brasileira.

A escolha do tema se deu devido à percepção de que, mesmo depois da proliferação e da maior facilidade de acesso aos meios de comunicação de massa, o cordel permanece como uma fonte de informação. Mesmo que o público inicial (o homem do campo que não tinha acesso constante às informações da imprensa) tenha mudado, o cordel ainda preenche uma lacuna que a grande imprensa deixa.

Lustosa (1996) define notícia como um relato de uma série de fatos a partir de um fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante. Os cordéis noticiosos levam ao conhecimento do público fatos importantes e interessantes para a realidade de cada local, com o objetivo de informar e ao mesmo tempo disseminar uma crítica, um determinado ponto de vista ou mesmo fazer o assunto chegar e ser compreendido por àquele que ainda não havia tido acesso à informação.

A primeira hipótese com a qual trabalho é a de que, mesmo para os que têm acesso, muitas vezes a linguagem usada por estes meios e comunicação não é acessível a uma parte da população, composta por analfabetos e que têm na tradição oral a base da comunicação. Por isso, os repentes, que são os cordéis cantados, durante muito tempo cumpriram a função de informar o sertanejo.

Outra hipótese é a de que os cordéis versificados e com poesia, que contavam causos de prosa, tenham se tornado noticiosos devido ao aumento do acesso e necessidade constante de informação. Desta forma, o cordel teve que acompanhar o rádio e a tv para continuar atendendo ao público com o qual se comunicava. Uma outra hipótese é a de que os leitores e ouvintes do cordel noticioso se preocupam com a formação de opinião. Mesmo que o “novo público” do cordel não o use mais como uma fonte primária de informação, há uma preocupação com as críticas feitas pelos autores. Os chamados poetas- jornalistas se preocupam não somente em transmitir o fato, mas há também um teor crítico e opinativo que agrada aos receptores.

O objetivo geral do trabalho é analisar se a literatura de cordel sob a forma de cordéis noticiosos pode ser considerada uma forma de jornalismo. Os objetivos específicos são saber se o cordel é usado como uma fonte de informação pelos leitores, se o conteúdo é realmente noticioso e se obedece aos critérios de noticiabilidade usados pela grande imprensa.

A coleta dos dados será feita por meio de pesquisa bibliográfica, cordéis e matérias, de forma a analisar os pontos que convergem e divergem entre os folhetos noticiosos e as notícias com mesmo assunto encontradas na grande imprensa.

2 A Cultura Popular

As definições de cultura popular são muitas, mas os autores que abordam a questão estão longe de um consenso. Há autores que definem cultura popular como um sinônimo de folclore. Ayala (1995) diz não se preocupar em focar as divergências a respeito do emprego das expressões cultura popular e folclore. Apesar disso, o autor argumenta que a expressão cultura popular, sinônimo de cultura do povo, permite visualizar mais facilmente o aspecto de ser uma prática própria de grupos subalternos da sociedade. Ele usa outros autores para distinguir os termos. Sob o ponto de vista de Rodrigues de Carvalho, a diferença entre folclore e cultura popular é clara:

Para o autor, uma manifestação é folclórica quando, além de ser popular, constitui-se em sobrevivência. O folclore seria, portanto, uma manifestação do passado no presente, ponto de vista encontrado também em Celso de Magalhães. Em outros termos, um conjunto de resíduos, de fragmentos de costumes e práticas culturais desaparecidas. (AYALA, 1995. p. 15)

Apesar da distinção entre os termos, a obra de Ayala funde os conceitos cultura popular e folclore, tratando ambos como um só elemento, o que nos parece um equívoco. O folclore está inserido no vasto campo da cultura popular, mas não pode ser considerado a cultura popular como um todo. Há também um ponto fundamental que não foi analisado pelo autor. Enquanto o folclore tende a ser estático, a cultura popular é dinâmica e interage com as circunstâncias.

A necessidade de se reconhecer na coletividade, isto é, a identidade cultural de um país está fortemente ligada à produção cultural de seu povo. A cultura é dinâmica e recebe influência de diversos meios, de comunicação e de vivência. A transnacionalização da cultura é tratada por Jacks (1999) como um fator de construção da identidade cultural brasileira. Ela cita García Canclini, que entende esta identidade de forma dinâmica e influenciada por diversos meios.

Canclini defende que a identidade cultural latino-americana está concebida na interculturalidade, a qual é captada nos modos desiguais de apropriação, portanto, não está apoiada só nas diferenças, mas nas intersecções. A interculturalidade está sendo desenvolvida e construída pela informática, telemática, culturas fronteiriças, migrações, turismo, etc., portanto, dentro e fora dos meios de comunicação. (JACKS, 1999. p. 35).

Para Ayala, a singularidade da cultura popular brasileira pode ser observada por meio da diversidade e complexidade das manifestações que o país apresenta. “Mário de Andrade apontava as dificuldades criadas pela combinação entre a multiplicidade de formas e a variação de denominações.” (AYALA, 1995, p. 53).

Porém, esta singularidade não vem sendo estudada de uma forma abrangente em suas particularidades. Devido à amplitude do campo da cultura popular, com grande diversidade e complexidade, os estudos englobam o assunto de uma forma geral, o que deixa escapar as especificidades de cada parte que a compõe.

A desigualdade social brasileira também tem forte influência sobre a cultura popular, lembrando que essa cultura é característica das classes subalternas. O acesso aos bens econômicos, ao controle político e à participação na vida social da nação são refletidas nas manifestações populares como um sinal de vida às classes dominantes. As relações cotidianas de produção e circulação de bens materiais e imateriais também estão presentes na diversidade da cultura do povo, como cita Ayala:

A especificidade das culturas populares não deriva apenas do fato de que a sua apropriação daquilo que a sociedade possui seja menor e diferente; deriva também do fato de que o povo produz no trabalho e na vida formas específicas de representação, reprodução e reelaboração simbólica de suas relações sociais. (CANCLINI apud AYALA, 1995. p. 57).

Partindo para a influência da cultura popular na sociedade como um todo, no Anteprojeto do Manifesto do Centro Popular de Cultura, MARTINS (apud ARANTES 1981), há a afirmação de que as manifestações da cultura popular têm o poder de transformar ou não a sociedade objeto das reflexões. Na década de 60, a cultura popular era entendida como um movimento de transformação política e carregada de ideologia.

Quando se fala em cultura popular, acentua-se a necessidade de pôr a cultura a serviço do povo, isto é, dos interesses efetivos do país. Trata-se de agir sobre a cultura presente, procurando transformá-la, estendê-la, aprofundá-la. O que define cultura popular é a consciência de que a cultura tanto pode ser instrumento de conservação como de transformação social. (MARTINS, 1962).

Coelho (1998) não acredita que os produtores e consumidores da cultura popular sejam capazes de criticar o já está estabelecido, uma posição que contraria a função social do cordel noticioso.

Um componente fundamental para a existência de uma forma cultural adequada: o traço da recusa, da negação, da contestação às normas e valores estabelecidos. É esse traço inexistente na maior parte da produção pop, ele está igualmente ausente da cultura popular, marcada pela tendência ao não questionamento. (COELHO, 1980. p. 21)

Na concepção de Teixeira Coelho, pode-se entender a necessidade de a literatura de cordel usar como fonte de notícias os jornais, a TV e o rádio e até mesmo a Internet (que é o que ele chama de cultura pop) como uma saída para que seja mantida a dinâmica e a atração dos leitores e ouvintes. Ele atribui a importância da cultura popular na identificação própria do indivíduo perante o grupo, mas considera a cultura popular como não questionadora do sistema vigente.

De fato, a cultura popular embora possa ser útil em seu papel de fixação e auto-conhecimento do indivíduo dentro do grupo, não questiona sequer a si mesma, seus próprios processos e arranjos formais, necessitando, por isso, para manter-se dinâmica, da complementação de fontes como a própria cultura pop. (COELHO, 1980. p. 21)

O autor desconsidera toda e qualquer forma de contestação que possa haver na cultura popular. As afirmações de Coelho merecem um reparo. No caso da literatura de cordel, tanto os folhetos com versos e histórias quanto os folhetos noticiosos apresentam questionamentos da sociedade em geral, da política, do meio em que vivem e até mesmo de meios dos quais os autores e leitores não participam.

No folheto “O Brasil faz o apagão e o povo paga o pato”, o poeta Olecram (2002) manifesta a indignação dele e do povo com o sistema de economia de energia imposto pelo governo FHC. O autor critica o então presidente Fernando Henrique Cardoso e fala das causas e conseqüências do apagão.

Se o apagão continua,
Vai ser um Deus nos acuda.
O povo, de pires na mão,
Chorando e pedindo ajuda,
Chegará a conclusão

Que melhor solução
É a perna cabeluda

Daí, desastres fatídicos
Irá acontecer muitos,
Pois a perna causará
Blecautes e curto- circuitos.
E evocar criaturas
Das profundezas escuras
Será um dos seus intuitos

Sentindo a voz quase muda,
F.H.C propria:
-Nesse “apagão” não teremos feriado todo dia.
-E pra não ser muquirana,
Só uma vez por semana
Não teremos energia... (OLEGRAM, 2002)

Temas que enfrentam resistência popular também são encontrados no cordel não somente como informação, mas como uma tentativa de esclarecimento para diminuir o preconceito dos leitores e ouvintes do cordel. Salete Maria da Silva conta a história de como o dia 28 de junho se tornou a data de comemoração do Dia do Orgulho Gay. Entre versos e com linguagem acessível, a autora fala das paradas gays, da discriminação e da triste história de preconceito ocorrida nos Estados Unidos que deu origem à celebração anual.

Não seria difícil abrir o jornal em um dia 28 de julho e ler uma matéria jornalística que contasse como surgiu o dia do orgulho gay, que consegue reunir milhões de pessoas todos os anos em várias metrópoles brasileiras.

No vinte e oito de junho
Dia do Orgulho Gay
O mundo dá testemunho
Do que não nasce por lei
É um dia diferente
A rua enche de gente
A marginal vira rei [...]

[...] Conte a história, diz Mott
que um tumulto ocorreu
num bairro de Nova York
e muita gente envolveu
Stone Wall era o bar que é a paisana, ao chegar
Polícia enloqueceu

A o todo nove soldados
Ali 200 fregueses

Os donos foram algemados
 E espancados, por vezes
 renderam três travestis
 puseram- nos vis-a- vis
 trataram- nas como reses[...]

[...]Esse é o dia de orgulho
 de quem sofre opressão
 dia de muito barulho
 e de grande agitação
 de bandeira colorida
 para celebrar a vida
 o amor e a paixão. (SILVA, [2000])

Há de se considerar que, apesar de ser uma forma de contestação do sistema vigente e de expressão dos pensamentos das classes subalternas, o cordel muitas vezes se apresenta contraditório e com concepções muitas vezes não aceitas pela sociedade. Ayala explica que esta é uma das características da cultura popular:

Na medida em que são produzidas por grupos que são, além de dominados, subalternos, isto é, submetidos à hegemonia das classes dominantes, as manifestações de cultura população são necessariamente contraditórias. Veiculam concepções de mundo que atuam no sentido de manter e reproduzir a dominação, a exploração econômica enfim, as desigualdades entre os diversos setores da população. (AYALA, 1995. p. 58)

A afirmação do autor se mostra procedente ao se analisar um folheto “As proezas de Severino Cavalcanti no Congresso Nacional”. No mesmo folheto em que o autor Zé da Madalena afirma que o então deputado Severino Cavalcanti vai recuperar o congresso, arranja explicações inaceitáveis sobre o nepotismo.

[...]Falam em tal nepotismo
 mas ninguém nisso faz fé
 a carreira de confiança
 bota no cargo quem quer
 competência vale tudo
 seja homem ou mulher

Acusam de espertezas
 inclusive nepotismo
 mas ele diz o que pensa
 fugindo do dirigismo
 herdado dessa política
 que joga o país no abismo [...]

3 A Notícia na Literatura de Cordel

Durante muito tempo, o cordel foi a fonte primária de informação para os nordestinos que não sabiam ler ou que não tinham ainda acesso a outros meios de comunicação. Muitos autores já abordaram os folhetos noticiosos como a única forma de comunicação que chegava ao homem do campo.

O folheto de época é o jornal dos que não lêem jornais no interior nordestino ou mesmo daqueles que, já informados, são adeptos da poesia. É intermediário para um amplo processo de comunicação que, sem ele, em muitos casos, não se completa. Ajuda a integrar à vida nacional comunidades que não foram ainda devidamente atingidas pelos modernos veículos de comunicação. (NOBLAT cit-in LUYTEN, 1992. p. 49)

Porém, o cordel sofreu muitas transformações e adaptações devido à proliferação dos meios de comunicação. O público inicial se modificou com a chegada dos meios de comunicação ao campo. Antes isolado, os camponeses agora dispõem senão de todos, mas de pelo menos algum dos meios de comunicação que lhe chegam com as informações necessárias e bem antes do cordel.

Para Luyten (1981), a década de 70 foi um período de grande clamor para que a literatura de cordel não desaparecesse, daí o crescimento do interesse de jornalistas, escritores, intelectuais e estudiosos do assunto. O público alvo se ampliou. A leitura e audição, que antes era feita sobretudo pelo camponês, a partir de então, começa a receber atenção e leitura também da elite- incluindo aí a elite das grandes metrópoles. O folheto com teor noticioso que antes informava o homem do campo agora surge mais forte e com adaptações para sobreviver e suprir as necessidades do novo público.

Nesta década 70, a maioria quase absoluta de folhetos são de cunho jornalístico e consolida-se uma nova tendência que é a de autoridades e elementos do mundo político e comercial fazerem uso da literatura popular, causando o aparecimento de numerosos folhetos de encomenda para melhor difundir ideologias até então não absorvidas pelo sertanejo. (LUYTEN, 1981. p. 25).

Um exemplo desta modalidade de folheto de acontecido é o cordel “A Ponte Rio-Niterói”:

A pedido dum amigo
 Que habita em São Paulo
 Vou descrever duma vez
 Sem sair do meu culo
 Sobre a construção da ponte
 Que vai nesse intervalo [...]

O Rio é uma cidade
 De formosura estupenda
 Agora, com essa ponte
 Vai se tornando uma lenda
 Porque a ponte enfeita
 Como bordado de renda (BATISTA, 1974).

A produção do cordel passou a ter grandes tiragens e boa aceitação em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, devido à migração do homem do campo em busca de melhores condições de vida. O campesino de hoje, que já dispunha de meios de comunicação em lugares quase isolados, agora junta-se à grande massa urbana que sofre uma avalanche de informações diárias. Daí a pergunta: qual a importância do cordel noticioso tanto para o imigrante quanto para o cidadão?

Prunel (apud LUYTEN 1981) considera que “é possível dizer que a Literatura de Cordel não é mais o ‘jornal do povo’ nos moldes anteriores à década de 50.”

O brasileiro que vive no campo tem uma cultura oral muito mais aguçada do que a cultura escrita, e agora dispõe minimamente de um aparelho de rádio que lhe transmita o que acontece mundo afora. As distâncias que antes eram quase intransponíveis diminuíram em razão da tecnologia que chega cada vez mais longe.

Muitos estudiosos do assunto concordam no que diz respeito a esta diminuição de apelo junto ao público inicial, mas muitos deles desconsideram as obras de cordel que são feitas fora do Nordeste brasileiro. Quando o assunto é a continuidade da existência do cordel, muitos se mostram pessimistas. Luyten (1981) avalia que há mais de vinte anos diferentes estudiosos da cultura popular brasileira vêm afirmando que os folhetos ou já acabaram ou tendem a desaparecer”.

Para Ayala (1995), as práticas culturais populares se modificam juntamente com o contexto social em que estão inseridas, sem que isso implique sua extinção. Luyten também não corrobora a hipótese de extinção da literatura de cordel, mas considera que houve e está havendo uma profunda modificação em todos os círculos que tangem à produção, difusão e consumo do cordel no Brasil. Isto pode ser constatado por meio

da internet, que oferece muitos *sítes* com “cordel eletrônico”, alguns muito diferentes da forma e teor originais.

Esta mudança também pode ser entendida na esfera da antropologia. Para Arantes (1981), a mudança é natural, pois a cultura popular é dinâmica e está em constante mudança, por mais que se tente preservar as características ditas originais.

Embora se procure ser fiel à “tradição”, ao “passado”, é impossível deixar de agregar novos significados e conotações ao que se tenta reconstituir. Isso é inevitável, porque a própria reconstituição é informada por e é parte de uma reflexão sobre a história da cultura e da arte que, em grande medida, escapa aos produtores “populares” da cultura. (ARANTES, 1981. p. 19)

O cordel perdeu espaço entre o público inicial mas continua sendo uma importante e rica forma de comunicação. É certo que houve “uma mudança de público, que não se compõe mais de sertanejos e sim de jovens estudantes ou turistas, modalidades temáticas, que de histórias de amor e coragem passaram a ser de ordem noticiosa e de contestação sócio- política,” como afirma Luyten (1981). Porém, a importância cultural da mensagem da literatura de cordel não foi suprimida por essa mudança.

Para Luyten (1981 p. 25), “a mudança dos tradicionais locais de publicação para a Bahia, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo fez com que o cordel acompanhasse os migrantes sertanejos para suas novas realidades”. O ritmo acelerado de vida das grandes cidades exige que o indivíduo esteja a par do que acontece ao seu redor, seja próximo ou não. A notícia na literatura de cordel age nas grandes cidades assim como agia nos interiores nordestinos. A função de informar com caráter lúdico e didático não perdeu sua função devido à mudança de público.

Folhetos que tratam de temas várias vezes repetidos nos meios de comunicação ganham um novo enfoque no cordel, com um caráter mais lúdico e linguagem mais acessível do que a dos meios de comunicação tradicionais. É o que se pode chamar de cordel ficção, em que a notícia transmitida pela mídia ganha novas dimensões (muitas vezes ficcionais) no cordel.

No folheto Carta de Satanás ao Amigo George Bush, o autor fala da guerra promovida pelo Presidente dos Estados Unidos George W. Bush contra o Iraque, e

narra o suposto fato de o inferno estar em festa com as ações praticadas pelo presidente.

Meus amigos venham ouvir
 Uma notícia curiosa
 Contada por um amarelo,
 De voz fina e fanhosa
 Falando dos reboliços
 Nas profundas tenebrosas

Ele afirma com certeza
 Estar cheio o inferno
 Pela euforia dos diabos com esse enredo moderno
 De promover genocídio em nome do Pai Eterno

Agradecido o rei dos demos
 Prepara correspondência
 Para o amigo George Bush,
 Com estilo e reverência
 Apresentando os aplausos
 Pela brutal eficiência. (MADALENA, 2002).

A convergência do cordel com as novas formas de comunicação resulta em folhetos com cunho mais ideológico e diferentes dos versos que predominavam antes dos anos 70. Mas não se pode deixar de considerar que parte dos cordéis noticiosos e de cunho ideológico que circulam pelo país são de Folhetos de Encomenda. Luyten (1981) explica que estão compreendidos nesta classe aqueles cujos conteúdos e até mesmo título tenham sido fixados por terceiros e/ ou todos aqueles que não partiram diretamente da volição particular do poeta em questão.

É muito variável a forma como o poeta- repórter colhe as informações que serão passadas adiante. Ela pode ser colhida diretamente na fonte, como é feita na maioria das vezes, mas o autor também busca outras formas de se inteirar do fato e dos detalhes envolvidos. Nos últimos anos, a TV, o rádio e até mesmo a Internet vêm sendo muito usados para cumprir a função de ser a fonte primária de informação, tanto do campesino quanto do próprio poeta- repórter, que passará a informação adiante. Há alguns anos, o jornal era a matéria- prima para a produção dos cordéis noticiosos, mas atualmente a mídia em geral cumpre tal tarefa. Luyten (1992) afirma que “o poeta popular recolhe suas informações de todos os canais disponíveis. Ainda se utiliza

tradicionalmente dos jornais, mas aprendeu rapidamente a deixar-se influenciar pelo rádio e pela TV.”

Lima (apud LUYTEN, 1992. p. 51) identifica o verdadeiro papel que a Literatura de Cordel ocupa no conjunto de sistemas de comunicação social: uma recodificação a nível popular de mensagens divulgadas anteriormente por outros meios.

Além das características históricas do cordel como notícia, este capítulo busca focar o caráter jornalístico do conteúdo transmitido. Para isso, serão analisadas as propriedades do cordel noticioso como uma forma de jornalismo.

Como afirma Luyten (1981), devem ser resguardadas as características de aperiodicidade, âmbito restrito e estruturação poética que possui o cordel, marcando uma grande diferença em relação aos demais meios jornalísticos. As grandes exigências formais do jornalismo, a atualidade, periodicidade, universalidade e difusão coletiva não são características do cordel. Mas há outras características de grande semelhança entre os dois meios de informação.

O interesse público é o que define o tema que será tratado no cordel. Pode ser um assunto de âmbito regional ou nacional. Mas, assim como no jornalismo, o cordel busca atingir o maior número de pessoas com a notícia. A instantaneidade e os assuntos que interessam o público também funcionam de forma parecida com os jornais impressos.

A rapidez da produção é às vezes assombrosa: um livreto contando a morte do Marechal Castelo Branco já estava à venda poucas horas depois do desastre. O assunto dos folhetos é geralmente um fato incomum que desperta a atenção popular. Um grande crime envolvendo sexo é sempre um bom tema para a Literatura de Cordel. (KAWALL cit- in LUYTEN, 1992. p. 45)

A forma como o jornalismo é difundido na literatura de cordel geralmente chega ao público como uma crítica, reivindicação ou mesmo ironia. Sob esse ângulo, poderia ser classificado como ensaio ou artigo. Além do teor noticioso, Luyten (1992) detectou diferentes gêneros jornalísticos nos cordéis.

Foi constatado que o *fait- divers* também existe na literatura de cordel, mas somente de forma tangencial no que se refere aos grandes meios de informação. Efetivamente, a tendência é de escrever folhetos

quando o assunto diz respeito ao nordeste ou quando envolve diretamente o povo. (LUYTEN, 1992. p.32)

O folheto “As Proezas de Severino Cavalcanti no Congresso Nacional” é uma prova do *fait divers* no cordel. O orgulho de ter um representante do povo nordestino no Congresso Nacional é um assunto que diz respeito ao povo (no caso, os conterrâneos) e ao Nordeste.

Arreia gente, arreia
 Vem descendo da montanha
 Carregado pelo povo
 Com faceirice tamanha
 Ele vai salvar a Câmara
 Aposte gente, ele ganha

Descendo de João Alfredo
 Machado e Tupanatinga
 Lagoa e Itaenga
 Águas Belas e Olinda
 Vibrarão os eleitores
 Faltam cidades ainda

Presidente dos deputados
 Elegido com jeitinho
 Trios, bonecos gigantes
 a saudarem com carinho
 dando urros à moçada
 à espera de votinhos

Sai da frente cidadão
 A luta vai começar
 Trazendo armas e rojões
 E não sei o que mais lá
 Asa dos velhos tempos
 ele quer recuperar (MADALENA, [2005])

Outros traços da literatura de cordel não podem ser desconsiderados quando o objetivo é analisar as características jornalísticas do cordel. Luyten (1992) é enfático ao concluir que, analisados isoladamente ou em conjunto, o cordel noticioso tem grandes semelhanças com o jornalismo.

Nos folhetos de ocasião, tudo colabora para o aspecto jornalístico. Ossian Lima lembra a capa, seja uma xilogravura que trata diretamente do assunto central do folheto, seja um clichê de retícula com a imagem do noticiado. O título é semelhante às manchetes dos jornais populares de cunho sensacionalista, onde “fait divers” se faz presente. (LUYTEN, 1992. p. 51)

O lead também é um aspecto importante no cordel, já que informa ao leitor/ouvinte logo no início do que se trata a folheto em questão. O lead pode ao ser encontrado em todos os folhetos noticiosos, mas não se pode esquecer que nem todos as matérias jornalísticas apresentam um lead. Luyten (1992) afirma que “em boa parte dos casos porém, os folhetos noticiosos usam uma espécie de “lead”.

No folheto “A decepção de Lula”, logo no primeiro verso o leitor é informado dos motivos da decepção.

A reforma agrária não foi feita
 O meu salário não subiu
 Os traficantes dão seu chou
 O juiz lalau escapoliu
 Os “de menores” matam o povo
 Como nunca já se viu (BATISTA, [2006])

Muitos autores aduzem que os conteúdos dos folhetos noticiosos não podem ser considerados notícia, pois não obedecem às normas e estilos aplicados à grande imprensa. Bond (apud LUYTEN, 1992 p. 37), define notícia como “uma reportagem oportuna sobre coisa de interesse para a humanidade e a melhor notícia é a que interessa ao maior número de leitores.

É neste sentido que podemos considerar os folhetos noticiosos da literatura de cordel, tendo em mente os valores de seus consumidores. F. Frazer Bond lembra quatro fatores que determinam o valor notícia. Eles se aplicam com

propriedade aos folhetos noticiosos: oportunidade, proximidade, tamanho, e importância". (LUYTEN, 1992. p. 37).

Luyten considera que a única grande "falha jornalística", comum aliás aos folhetos de cordel em geral, é a ausência de data. Posteriormente, o autor afirma que as grandes exigências formais do jornalismo: atualidade, periodicidade, universalidade e difusão coletiva nem sempre se aplicam em sua totalidade aos folhetos e aos seus editores/ escritores. Parece contraditório asseverar que tudo em um folheto de acontecido, ou noticioso, remete à notícia jornalística, e em seguida, afirmar que o cordel não atende às grandes exigências formais do jornalismo.

Mesmo com a abrangente ressalva quanto às exigências formais, o autor explica que as notícias que chegam ao destinatário cumprem de certa forma a necessidade de atualidade, principalmente devido aos comentários que acompanham o fato. A universalidade é atendida de acordo com o universo em que circula o cordel, pois o poeta escreve para o seu público e sobre aquilo que julga de interesse público. A difusão coletiva é atendida, pois a publicação atinge o público interessado. Somente a periodicidade é mais crítica na maioria dos casos, pois grande parte dos poetas-repórteres não obedece a um cronograma de publicação dos folhetos.

4 A Contemporaneidade da Literatura de Cordel

Como já vimos nos capítulos anteriores, a função de notícia foi em grande parte esvaziada pelo advento dos novos meios de comunicação eletrônicos (TV, rádio, Internet). No entanto, o cordel acompanhou tais mudanças e ganhou novas funções. Ao mesmo tempo em que informa, o cordel analisa, tece críticas e levanta possibilidades.

Os folhetos de cordel não servem apenas para informar, mas também estão carregados de ideologia, senso de civilidade e atualidade. “Exercendo plenamente a função de comunicação intermediária, os folhetos não são apenas informativos, mas também interpretativos, opinativos e de entretenimento” Benjamin (apud AMORIM, [2000]).

A linguagem usada pelos autores dos folhetos é mais acessível às classes baixas da sociedade, que têm um nível de informação e poder de interpretação dos fatos bem menor em relação à elite. Em comparação com os jornais impressos, a facilidade de compreensão que o cordel noticioso proporciona ao leitor é um fator importante a ser considerado. “No âmbito da aceitação popular, as formas fixas propiciam a declamação, a memorização e a transmissão oral. É uma linguagem a que o povo está habituado a apreciar e, por isso mesmo, favorece o ato de apreensão da realidade”, como afirma Amorim [2000].

A definição do cordel como uma forma de comunicação pertencente ao passado pode ser contestada com facilidade se observarmos alguns títulos, uns recentes, outros, condizentes com a atualidade da ocasião em que foram publicados. Os seguintes cordéis são uma demonstração do quanto este tipo de cultura popular é atual e dinâmica: “O Brasil faz o apagão e o povo paga o pato”, “Exemplo da cabra que falou sobre crise e corrupção”, “A decepção do Lula”, “Dia do Orgulho Gay”, “A Ponte Rio-Niterói”, “Carta de Satanás ao amigo George Bush” e “As proezas de Severino Cavalcanti no Congresso Nacional”.

Cada um destes folhetos tem características comparáveis ao que se encontra na grande imprensa como notícia. Com todos os traços da literatura de cordel tradicional,

estes cordéis noticiosos trazem explicações e críticas sobre os acontecimentos que cada um retrata.

No cordel “Carta de Satanás ao amigo George Bush”, Madalena (2002) fala a respeito da Guerra entre os Estados Unidos e o Iraque, que teve como estopim o atentado terrorista ao World Trade Center em 2001. O autor diz que o inferno está em festa devido às atitudes do presidente dos Estados Unidos. A cobertura que a imprensa dos Estados Unidos fez no início da guerra, comentada em toda a imprensa mundial como uma farsa armada para apresentar a guerra de uma forma favorável aos Estados Unidos também é citada no folheto.

A Folha Online divulgou em 15 de setembro de 2001 a notícia de que Bush declarava guerra contra o Afeganistão, país que estaria abrigando o autor do atentado, Osama Bin Laden.

Estamos em guerra”, diz George W. Bush
da Folha Online

[...]Sinais de Guerra

Desde o dia em que os EUA sofreram os atentados terroristas o governo norte-americano vem dando sinais de que a reação aos ataques seria uma guerra.

Enquanto o país ainda assimilava o que tinha acontecido, Bush declarou que os terroristas “vão sofrer as conseqüências por ter tacado o país”.

No dia seguinte (12), o secretário de estado, Colin Powell, anunciou que os Estados Unidos responderiam ao atentado “como se estivesse em guerra”. Ele declarou: “O povo norte-americano possui um entendimento claro de que isso é uma guerra. É assim que vemos isso. Não se pode encarar isso de outra forma, seja isso legalmente correto ou não”.

O secretário anunciou depois que o milionário súdita Osama bin Laden era o principal suspeito dos atentados. Os EUA solicitaram que o Afeganistão, que acolhe o guerrilheiro, o entregasse. O Taleban, que controla o país, anunciou que só o faria quando houvesse quando houvesse provas do envolvimento.

Bush declarou que considerava s ataques como “atos de guerra” e que os EUA iriam revidar. Ao mesmo tempo, o subsecretário da Defesa, Paul Wolfowitz, anunciava que “não se trata apenas de capturar esta agente, mas de eliminar os santuários – acabar com todos os estados que patrocina os terroristas e o terrorismo”.

Na madrugada de ontem, o Congresso aprovou uma verba extra de U\$\$ 40 bilhões para a reconstrução do país e para o aumento da segurança. Durante o dia, o presidente recebeu a autorização dos legisladores para usar “toda a força necessária e apropriada contra aquelas nações, organizações ou pessoas que planejaram, autorizaram, cometeram ou ajudaram os atentados terroristas de 11 de setembro”.

Em cerimônia pelas vítimas em Washington o presidente invocou a força norte-americana. “Este conflito começou no momento e em termos determinados por outros. Vai terminar da maneira que nós decidirmos.” O desempenho do presidente diante da crise é aprovado por 86% da população, que também apóia ações de retaliação, segundo pesquisa.

Depois de visitar os escombros do World Trade Center em Nova York, Bush anunciou que iria para Camp David, a casa de campo da presidência, se reunir com ministros e conselheiros durante o final de semana para definir como será o contra-ataque.

A definição, que aparentemente só será anunciada na segunda-feira, teve uma prévia hoje, quando Bush declarou: “Estamos em guerra”. (FOLHA, 2001)

O cordel “Carta de Satanás ao amigo George Bush” também aborda a guerra, mas de uma forma diferente. Dificilmente o cordel noticioso se atém apenas a um assunto, como é o caso da notícia do jornal. Em versos, o folheto fala de muitos aspectos e fatos que estão envolvidos no assunto e até mesmo sobre outros que não têm ligação direta com o tema.

Enquanto a notícia da Folha Online se restringiu a falar da declaração de guerra e dos antecedentes da decisão, o folheto do autor Zé da Madalena realiza uma conexão com diversos assuntos. Alguns estão relacionados à guerra, mas outros são ligados pelo próprio autor ao assunto, tudo com críticas fortes à guerra promovida por Bush.

No folheto, o autor cita a morte de John Kennedy, a suposta farsa da imprensa norte-americana, os medicamentos e alimentos que os aviões dos EUA jogavam sobre os campos de combate, a grande quantidade de dinheiro que patrocinava a guerra, o fortalecimento da indústria bélica norte-americana com a guerra, a fome que mata milhões na África, a Guerra das Malvinas, a ameaça que a Amazônia sofre com o imperialismo de Bush e a bomba atômica.

Deve-se considerar que as duas publicações são de datas diferentes, mas a matéria jornalística foi escolhida para ser comparada ao folheto pelo fato de ambas retratarem a empáfia de Bush ao declarar a guerra. É perceptível que a necessidade de objetividade do jornalismo (pelo menos no que diz respeito às matérias) impede que a notícia tenha tantos juízos de valor como o cordel. Ao escrever a história do

contentamento e felicidade de satanás com a guerra promovida por Bush, a opinião do autor se torna mais do que clara para o leitor/ ouvinte.

[...]Oh que cuca imaginosa
que estupenda fantasia
competência igual a essa
há muito tempo eu não via
bradava o satanás
enquanto a carta escrevia

Caro amigo George Bush
o fim dessa maltraçadas
é te dar os parabéns
pela sangrenta cruzada
chamada de guerra santa
orgasmo da diabrada[...]

[...]Nunca vi tanta euforia
com a guerra americana
que está arrasando o mundo
com bomba bala e grana
como se fosse piedade
de virtude franciscana[...]

[...]A morte de John Kennedy
naqueles anos sessenta
lição na história deixou
quem faz jamais ostenta
que é para jornal divulgar
a versão que o sustenta

Docilidade tem preço
na afamada livre imprensa.
mas caro tens que pagar
para cristalizar a crença
que entre verdade e mentira
não vale achar diferença[...]

[...]Sofisticar a estratégia
de espalhar medicamentos
sobre os campos minados
o mesmo com alimentos,
pra se ter uma guerra boa
o que conta é o sofrimento

Jogue bombas, rapazes
depois façam caridade
e digam ao mundo inteiro:
em nome da cristandade
oh que delícia de guerra
fazem os anjos da bondade [...]

De tua indústria bélica,
somos o maior acionista

por iss aqui exigimos
 por favor não mais insista
 quanto mais bombas gastar
 mais dividendo na lista.

guerra é guerra, coisa séria
 o lucrativo negócio
 só vos mantem poderosos
 por nos terdes como sócios
 caridade? Para ingêrs ver
 ninguém aqui é beócio

De um lado incentivo à droga
 do outro desce marreta
 tás ficando mais esperto
 que nosso chefe capeta
 estadista igual a ti
 não existe no planeta (MADALENA, 2002)

Em outra comparação entre uma notícia publicada em um jornal e um cordel sobre o mesmo assunto, (levando-se em consideração as diferenças já citadas entre o cordel noticioso e a notícia de jornal) é possível perceber como a temática é tratada de forma a defender os interesses de cada classe.

Matéria publicada no Correio Braziliense no dia 4 de maio de 2005 fala a respeito da intenção do então presidente da Câmara, Severino Cavalcanti, criar uma emissora de ondas médias para atingir todos os cantos do país, e ainda um canal de TV aberto para mostrar que a Casa trabalha, apesar das críticas. Logo no título da matéria “Rádio para Severino falar longe”, do jornalista Lúcio Vaz, é possível perceber que o texto traz informações sobre os atos de Severino Cavalcanti na presidência da Câmara e, sobretudo, críticas às idéias e atos do deputado.

Desgastado politicamente pelas constantes gafes e incontinência verbal, chegando a ser vaiado no ato público de 1º de maio, em São Paulo, o presidente da Câmara, Severino Cavalcanti (PP-PE), tem um novo projeto para divulgar a sua gestão e a imagem da Casa. [...]A intenção de Severino com a implantação da rádio OM é mostrar que a Câmara trabalha, e muito. Essa mensagem seria dirigida principalmente às regiões mais distantes, do Norte e do Nordeste, onde a audiência de rádio é maior. Ele quer transmitir as sessões das comissões e do plenário ao vivo, além de programas noticiosos e culturais.

O presidente da Casa talvez desconheça que as emissões e ondas médias têm a propagação prejudicada durante o dia, devido ao calor. [...]

Injustiçado- o presidente da câmara também pretende usar os veículos da Casa para se defender do que considera uma injustiça. Ele tem sido responsabilizado pela paralisação da Casa. [...] Para os colegas de direção, entretanto, o maior problema de Severino tem sido a defesa de causas

indefensáveis, como o nepotismo e o aumento da verba de gabinete.
(CORREIO BRAZILIENSE, 2005)

Na literatura de cordel, o tema pe o mesmo, mas com um viés diferente da matéria jornalística:

Aumentos a deputados
a promessa de eleição
sociedade questionou
ele manteve o rojão
Calheiros deu- lhe um nó
deixou para outra ocasião

Do aumento não desiste
espera a oportunidade
dar mais grana a deputados
deste modo a vontade
do eleitor tradicional
vai garantir tal bondade

Falam em tal nepotismo
mas ninguém nisso faz fé
a carreira de confiança
bota no cargo quem quer
competência vale tudo
seja homem ou mulher

Acusam de espertezas
inclusive nepotismo
mas ele diz o que pensa
fugindo do dirigismo
herdado dessa política
que joga o País no abismo

Institucionalmente
promete valorizar
a força do Parlamento
no modo de legislar
e que os outros poderes
fiquem lá em seu lugar

Executivo executa
Legislativo faz lei
Judiciário na justiça
o princípio que eu sei

nada de um sobre os outros
cada reino com seu rei

Quer justiça no Planalto
sem medida provisória
se lula quer uma lei
pode entrar para a glória
ouvindo os deputados
sabedores da história[...]

[...]Findar com a baixaria
de o governo editar
as malditas provisórias
vindas só pra enrolar
mesmo não tendo motivos
governo quer nos gozar

O cordel noticioso aborda várias polêmicas envolvidas na gestão do então presidente da Câmara Severino Cavalcanti. Porém, é necessário que seja feita uma ressalva. O folheto toma partido deliberadamente e tenta defender o político de todas as críticas que ele sofre por parte da imprensa. Há também a hipótese de que seja um folheto encomendado. No entanto, o que se busca na obra é comparar o teor noticioso que há na matéria e no cordel.

Em outra reportagem da Folha Online, a repórter Janaína Fidalgo aborda a homossexualidade. Em um texto extenso e com retrancas para abordar diferentes aspectos acerca do assunto, a jornalista fala sobre o fato de se assumir ou não a condição de homossexual, dos preconceitos na sociedade, de como fica o campo profissional, a família, e a visibilidade que o assunto tomou nos últimos anos.

Assumir homossexualidade não é erro e só ajuda, dizem médicos

O preconceito e a dificuldade de lidar com a diversidade sexual podem atormentar a vida de gays, lésbicas e transexuais, já que “assumir” uma orientação sexual e ter estrutura para enfrentar a sociedade- que ainda é preconceituosa- são os dois melhores jeitos de manter a qualidade de vida e não viver como se fosse um E.T.

As recentes manifestações de gays pelo mundo, como a Parada Gay de São Paulo (realizada em 17 de junho), mostram que a democratização sexual está crescendo. Participaram 200 mil pessoas e a conscientização parece ter sido maior. [...]

[...]Visibilidade

O Dia do Orgulho Gay, lembrado em todo o mundo depois de um confronto entre policiais e homossexuais, em 28 de junho de 1969, em Nova York (EUA),

é uma das ações para conseguir visibilidade e respeito. Em São Paulo, a 5ª Parada do Orgulho Gay reuniu, segundo a Polícia Militar, 200 mil pessoas.

Atualmente, os movimentos homossexuais estão conseguindo visibilidade por meio da imprensa, que tem acompanhado os eventos organizados pelos grupos. Há algum tempo, no entanto, a disseminação do discurso homossexual se dava pela imprensa especializada. [...] (FOLHA)

No cordel “O Dia do Orgulho Gay”, a autora Salete Maria da Silva aborda o mesmo assunto da matéria da Folha Online. Também explica como surgiu a data de comemoração e fala a respeito do preconceito que parte da sociedade tem pelos homossexuais.

No vinte e oito de junho
Dia do Orgulho Gay
o mundo dá testemunho
do que não nasce por lei
é um dia diferente
a rua enche de gente
a marginal vira rei

Tudo fica colorido
A vida enche de graça
Há riso, grito, gemido
Gente amando na praça
Mas nem sempre foi assim
O vinte e oito, enfim
Surgiu em meio à desgraça

Conte a história, diz Mott
Que um tumulto ocorreu
Num bairro de Nova York
E muita gente envolveu
Stone Wall era o bar
Que à paisana, chegar
A polícia enlouqueceu

Ao todo nove soldados
Ali 200 fregueses
Os donos foram algemados
E espancados, por vezes
Renderam três travestis
Puseram- nas vis- a- vis
Trataram- nas como reses [...]

Surgiu ali o embrião
Duma data mundial
Virou comemoração
Qual a noite de natal
Agora no interior
Tem até vereador
Pelo gay municipal [...]

A objetividade da matéria impede que a jornalista entre em tantos detalhes como acontece no cordel. O folheto explica com mais clareza e muito mais detalhes o motivo pelo qual o dia 26 de junho é tido como o dia do Orgulho Gay.

Partindo para a comparação entre material jornalístico e cordel em um tema que afeta diretamente o povo, tanto o público alvo do cordel quanto os leitores da grande imprensa, os pontos de convergência se mostram claros. Um folheto escrito pelo cordelista Abraão Bastista, um artigo escrito pelo jornalista Carlos Alberto Sardenberg e uma entrevista de César Benjamin ao Jornal do Brasil abordam a mesma questão: a decepção que o povo brasileiro teve com o Presidente Lula.

OPINIÃO- Caíram na real

“Mas não entregaram (referência ao governo petista) o crescimento econômico, abrindo caminho à decepção do povo.

O PT passou o tempo criticando tudo isso que estava aí. Reparem: a crítica do governo petista foi, no essencial, a mesma que toda oposição fazia ao regime militar.[...]

[...]Mas, a julgar pelas últimas pesquisas, os eleitores, assim como se decepcionaram com o PMDB e com o final do governo tucano, razão pela qual resolveram dar chance à Lula, estão de novo decepcionados. E o pessoal petista que está no governo passa por experiência semelhante à sofrida pelos quadros do PMDB e do PT: o choque de realidade.

Para o PT, o último da fila, o mais ideológico, a experiência é mais sofrida. Seus militantes tinham programa novo e revolucionário para tudo, da pesca artesanal à política cambial.

Chega lá e a inflação não é de esquerda nem de direita. Não existe dívida pública do bem e do mal, apenas a dívida que exige pagamento de juros. Não é por acaso que a única política mais ou menos bem-sucedida de Lula é a econômica, uma óbvia seqüência do que foi plantado pelos tucanos. [...]

A decepção do eleitorado certamente não é boa coisa. Já tem muita gente que vai lá atrás para dizer que essa democracia prometeu muito e entregou pouco. Não é culpa do eleitorado. [...] (SARDENBERG, 2006)

“A decepção é muito mais profunda”

Paulo Celso Pereira

Entrevista/ César Benjamin

Ao longo do ano passado centenas de militantes do PT saíram do partido influenciados, sobretudo, pelas denúncias de corrupção. Há exatos 10 anos, sem alarde, César Benjamin deu o mesmo passo. O então dirigente do PT se surpreendeu com a tomada de direção do partido, pelo hoje presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, e pelo agora ex-deputado José Dirceu. “Vi que não tinha mais lugar dentro do PT. Eu ficava falando em projeto, em crise brasileira, quando na verdade, o jogo era outro, era a composição de interesses”, explica. [...]

Lula foi a chegada do povo ao poder?

Não. O Lula foi uma falsa chegada. Lula foi uma fantasia coletiva. O Brasil precisa dar esse passo, e apareceu uma figura como o Lula, que parece ser a encarnação disso por suas características pessoais. Mas a imagem do líder que ia comandar essa transformação fomos nós quem criamos, porque precisávamos disso. O Lula nunca foi isso, nem sequer foi um reformista, sempre foi conservador. Ele trafegou pela esquerda porque a vida fez isso. O Lula é um tremendo equívoco. Um equívoco tão grande que não sei responder qual o efeito desse equívoco sobre o povo brasileiro. É um episódio meio patético, meio dramático, e que terá um impacto grande porque a decepção com Lula é muito mais profunda do que as decepções anteriores.

Mas com esse engano conseguiu se consolidar durante tanto tempo? É porque o desejo da existência desse líder é muito forte. A esquerda brasileira se deixou liderar nos últimos 20 anos por uma pessoa que diz publicamente que não é de esquerda. É como alguém se candidatar a presidente do Flamengo sendo vascaíno. O Lula é o primeiro líder da esquerda que não tem, compromisso com a esquerda. O Lula está adorando ser presidente da República, está bebendo todos os vinhos da adega do Palácio, viajando bastante, e depôs sai da história. É um político menor. Uma pessoa que sempre transmitiu um conjunto de anti- valores muito fortes. O valor de não estudar, da esperteza. [...]

Era nítida a corrupção em si? (Quando ele saiu do PT)

Em 1993, a esquerda chegou a ganhar o Congresso do PT, eu estava lá. A partir de 1993, O Lula e o Zé Dirceu decidiram que o projeto deles não podia estar exposto a uma batalha de idéias cujo resultado era incerto. Aí eles trazem para dentro do PT pessoas que vão abrir uma fase nova usando uma arma nova na luta interna do PT: o dinheiro. Eles trazem esse operadores e constroem uma burocracia movida a grandes injeções de dinheiro. A partir daí, quem obedecia Lula e Dirceu tinha muito dinheiro para fazer suas campanhas. Quem não obedecia, não tinha. Então, morre a batalha de idéias e crescem os interesses. E Lula e Zé Dirceu são grandes gerentes de interesses. Aí o PT começa a morrer. (JORNAL DO BRASIL, 2006)

O artigo do jornalista Carlos Alberto Sardenberg e a entrevista do Jornal do Brasil são duas formas jornalísticas de abordar o mesmo assunto: as causas da decepção que o povo sentiu diante das ações do Presidente no governo do País. No primeiro exemplo, Sardenberg faz uma análise das decisões equivocadas do PT, da situação econômica do país e dos precedentes que o PMDB (no governo de Fernando Henrique Cardoso) havia aberto e o PT, seguido. Por ser um artigo, o texto a opinião é mais explícita.

Já na entrevista de Paulo Celso Pereira ao ex- integrante do Partido dos Trabalhadores, o conteúdo trabalhado é de certa diferente, pois trata Lula e José Dirceu como os protagonistas de uma “desvirtuação” da esquerda brasileira, o que sinaliza como uma das principais causas da desilusão do povo com o agora Presidente da República.

Examinemos os versos do cordel “A decepção do Lula”, de Abraão Batista, observando pontos idênticos aos lidos no artigo e na entrevista.

A reforma agrária não foi feita
o meu salário não subiu
os traficantes dão seu chou
o juiz lalau escapoliu
os “de menores” matam o povo
como nunca já se viu.

É rendosa a profissão
de político e de roubar
aposentado vi pro brejo
o puxador ta no altar
Lula ta mais gordinho;
o Brasil, quem vai salvar?

Japonês quer o cupulante
europeu quer a Amazônia
o texano quer o petróleo
o chinês nos dá insônia
o inglês faz traquinagem
bufano lá na Lapônia

Camelô vai preso e morto
traficante recebe a palma
o senador que inda presta
perde a sunga e a calma
a tv mostra o buraco
e a pobreza entrega a alma

A aposentadoria
como vaca, foi pro brejo
os impostos, lá nas nuvens
pra nós, toca realejo
os sem terra, no buraco
leva chumbo com manejo.

Prendem todos trombadinhas
pro turista sossegar,
o povo agüenta o trouco
só ele pode se cuidar
nosso índio esquartejado
para então se esportar. [...]

O traficante ganha fama
o viciado é abatido
no Rio, s nossas ruas
são fechadas por bandido
na cadeia de segurança
o preso faz alarido.

Por celular, o traficante
faz a sua traquinagem comandando os assaltos

seqüestros e agiotagem
a polícia corrompida
joga lama na imagem

Mataram a “missionária”
tida como brasileira
Doris Istem, coitadinha
perdeu- se na dianteira
porque matar nossos índios
é acidente e besteira[...]

Cuba não foi destruída
porque seu povo sabido
disse basta ao invasor
sem medo de estampido
das bombas de seu visinho
poderoso e fingido.

O Brasil sem armamentos
e sem poder de fabricar;
enquanto que fora, os outros
podem sim, contrabandear,
pelas fronteiras abertas
o brasileiro vai dançar.[...]

O professor é um coitado
que vive de esperança
com salário mixuruca
boa feira não alcança
enquanto que o político
enche o bolso e a pança[.].

No troca- troca de votos
quem perde é o povão
o político sem pudor
faz feia traquinação
entrega o que tem a pátria
em calunioso leilão.

O cordel “A Decepção do Lula”, de Abraão Batista, aborda pontos idênticos aos pontos lidos no artigo e na entrevista. É grande a gama de assuntos que o autor envolve na decepção do povo. Reforma agrária, corrupção, aposentadoria, o assassinato da missionária Dorothy Stang, os sem- teto, o aumento do salário de parlamentares, inundações, tráfico de drogas, polícia corrompida, o baixo salário dos professores e outros temas são abordados no folheto. O autor dá a entender que, o presidente eleito para acabar com todas essas mazelas do povo brasileiro, nada fez para mudar a vida do cidadão para melhor.

Conclusão

Em diversos pontos, os folhetos noticiosos da literatura de cordel apresentam características semelhantes às do jornalismo. Porém, mesmo sendo chamados de noticiosos, não se pode estender esta convergência com o jornalismo da grande imprensa a todos os cordéis, pois eles não obedecem a critérios de confecção como o jornalismo.

A ausência de data é um dos fatores que torna mais difícil situar o momento do fato narrado no folheto, que muitas vezes é contado com outros fatos correlatos (e outras vezes fatos sem ligação com o assunto central), diferentemente das matérias jornalísticas, que se atém a um fato e o desenvolve de forma objetiva (na maioria das vezes) e jamais sem data.

A objetividade encontrada em muitos folhetos se assemelha ao jornalismo da grande imprensa, assim como o lead, encontrado em boa parte dos folhetos analisados neste trabalho.

As críticas ao sistema vigente estão presentes em todos os folhetos analisados. A importância dessas críticas é grande porque é uma tentativa de formar opinião em meio a um público que, por tradição, recebe o cordel como uma fonte fidedigna de informação. Mesmo aqueles que têm o cordel apenas como uma fonte complementar de informação, se preocupam em saber o que o poeta- repórter tem a dizer sobre determinado fato. É como no jornalismo, no qual os leitores elegem seus jornalistas preferidos e costumam buscá- los nas páginas do jornal para saber para saber o que ele está pensando sobre determinado fato.

Na comparação do material jornalístico com os cordéis, foi possível inferir uma grande semelhança entre as duas formas de publicação sobre um mesmo assunto. Porém, não poderia deixar de ser verificado que a análise jornalística sempre se baseou mais nos fatos, e os cordelistas partem da crítica para daí construir uma análise da situação.

A conclusão é de que, devido a este embasamento prático que o poeta- repórter tem, muitas vezes assuntos diferentes são misturados em uma mesma publicação. O foco que o jornalista precisa para fazer uma matéria ou uma entrevista não é seguido (e

nem necessita) pelo cordelista. A liberdade de abordar o assunto da forma que achar melhor leva o autor a um gama maior de assuntos e até mesmo à liberdade para adjetivar o texto positiva ou negativamente.

Levadas em consideração as semelhanças, discordâncias e as causas desses traços, é possível concluir que a literatura de cordel é uma forma de comunicação popular muito aproximada do jornalismo praticado pela grande imprensa. É uma forma de levar ao público informação, opinião, crítica e reivindicação.

Referências

AMORIM, Maria Alice. *[A informação na literatura de cordel]*. [Pernambuco, 2000].

ARANTES, Antônio Augusto. *O que é cultura popular*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

AYALA, Marcos. IGNEZ, Maria e AYALA, Novais. *Cultura Popular no Brasil: perspectiva de análise*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1995.

BATISTA, Abraão. *A decepção do Lula*. [Pernambuco, 2006].

BELTRÃO, Luiz. *Folcomunicação- a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: editora cortez, 1981.

COELHO, Teixeira. *O que é Indústria Cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LUYTEN, Joseph Maria. *A literatura de Cordel em São Paulo: saudosismo e agressividade*. São Paulo: Ioyola, 1981.

LUYTEN, Joseph Maria. *A notícia na literatura de cordel*. São Paulo: estação liberdade, 1992.

MADALENA, Zé. *As proezas de Severino Cavalcanti no Congresso Nacional*. [Ceará: 2005]

MADALENA, Zé. *Carta de Satanás ao Amigo George Bush*. Brasília: 2002.

OLEGRAM, Marcelo. *O Brasil faz o apagão e o povo paga o pato*. Pernambuco: Folheteria Cordel, 2002.

SILVA, Salette Maria. *Dia do Orgulho Gay*. Ceará, [2004]